

29 — 1754 — Chega a Pernambuco dom Francisco Xavier Aranha, nomeado bispo coadjutor e futuro successor no bispado de Olinda. Começa logo a governar o bispado na qualidade de bispo coadjutor por se ter retirado para Lisboa o bispo proprietário.

1816 — E' sagrado no Rio de Janeiro, onde nascêra, o prelado de Goyaz dom Antonio Rodrigues de Aguiar, bispo *in partibus* de Azoto, e sabe n'esse mesmo dia para a sua diocese.

1821 — Decretos das côrtes de Lisboa extinguindo os tribunaes creados no Brasil pelo rei dom João VI e chamando ao reino de Portugal o principe regente dom Pedro. Estes decretos exacerbão o animo dos brasileiros, tornão a independencia nacional mais ardentemente anhelada, e acabão por fazer que se decidão por ella os animos menos resolutos.

1833 — Toma posse da sua diocese pernambucana o bispo dom João da Purificação Marques Perdigão.

30 — 1810 — Dom Marcos de Noronha e Brito, conde de Arcos, toma posse da administração da capitania da Bahia como seu 53º governador. Foi o ultimo vice-rei que teve o Brasil.

1850 — O governo, accedendo aos desejos do general Guido, remette-lhe os seus passaportes.

FLUVIANO.

O MONGE.

(FRAGMENTO DE UM LIVRO INEDITO.)

I

Um dia Fr. Jeronymo levou-me ao convento.

Entrei nos vastos salões do mosteiro, obra monumental e grandiosa, que nos legarão as éras passadas e que não legaremos ás vindouras.

Era um trabalho de gigantes, talvez além das forças d'esta geração de pigmeus.

Ao atravessar um dos extensos corredores d'aquelle edificio, vi desenhar-se ao longe o vulto negro de um monge.

Fui-me aproximando, e estaquei ante uma figura que mais parecia um phantasma a correr seu fadario cá na terra, que homem vivo e a palpitar-lhe o peito.

Os braços trazia-os cruzados, e, caminhando assim a modo de quem tem um pensamento que o preoccupa, trazia os olhos pregados no chão, que parecia não vêr.

Não sei que ideia lhe estava a revoar pela mente; vi-o franzir rapido os sobr'olhos, apertar convulsivo os labios; engrossárão-se-lhe as veias da fronte e dos olhos, cuja expressão era terrivel, sahirão-lhe chammas, como settas que ião atravessar um peito.

Nunca vi tanta expressão no olhar; nunca o odio, a vingança, a

paixão, o desespero, a colera, se patentearão mais claras que nas chammas que despedião scintillantes os olhos d'aquelle homem, que na expressão indizível que tomárão.

Pairava-lhe na mente pensamento sinistro : era a recordação de dôr bem funda, de desespero bem pungente ; era o accesso renovado de mal curada febre.

Depois, á semelhança da tempestade que bramira ha pouco e que se amaina, alquebrada da lueta que travára, foi morrendo o fogo d'aquelles olhos, morrendo, morrendo, até perderem de todo a animação, a expressão e a vida.

Vi-o cahir, como uma massa inerte, sobre o banco que ahi junto havia, depois endireitou os olhos para o mar, que se estendia ao longe, como um lençol esverdinhado, salpicado de espuma ; a vista lançou-a triste para esse espaço illimitado, para esse horizonte que descortinava ; duas lagrimas lhe cahirão pelas faces pallidas e cavadas, murmurou algumas palavras, e escondeu a fronte entre as mãos.

Ouvi um soluçar tão sentido que cortava o coração : era o monge quem soluçava.

Depois ergueu-se, como um homem embriagado, e cambaleando vi-o entrar precipitadamente na cella.

— Quem é esse monge, perguntei a Fr. Jeronymo ; oh ! que bem amarga parece a dôr que lhe devora a vida ?

II

« Corria o anno de 185..., disse-me Fr. Jeronymo, fazendo-me sentar em um dos bancos vazios do corredor ; achava-me eu na minha pobre cella, e orava ; orava, porque a tempestade rugia lá fóra assustadora, porque a luz rapida do relampago allumiava as paredes alvas de meu aposento, porque a voz vibrante e solemne do trovão, que estourava, me parecia a voz do Eterno, colerica e ameaçadora, no dia de sua vingança.

« De repente um ronco formidavel, como o uivo da terra se lhe despedaçassem as entranhas, fez-me cahir com a face no chão, pallido como um cadaver, e murmurando instinctivamente as orações que a igreja ensina para abrandar a colera dos elementos.

« Oh ! que omnipotente sois, Senhor, e o que vale o homem ante a immensidade do vosso poder ?

« Pobre atomo, perdido entre os demais atomos, que esmagais com um aceno ; pobre folha que agita e despega da haste o vento da vossa colera.

« A tempestade bramia ainda, cada vez mais intensa ; parecia que, desencadeiados os elementos, atiravão-se todos contra a terra... não sei que tempo durou ; não sei, que murmuravão-me os labios e o coração rezas da igreja e invocações a Deus por aquelles que sua colera ia ferir.

« Depois senti que mais longe ou mais fraco estourava o trovão ; menos

violento zunia o vento contra os vidros da cella, mas ainda a chuva cahia grossa contra as calçadas da rua.

« Ouço então bater com violencia na porta, outra vez, e mais outra, e uma voz tremula, agitada, supplicante, gritar de fóra :

« — Abri ! abri, por caridade.

« Momentos depois via a meus pés um mancebo.

« É sei eu descrever-vol-o ? E comprehendo essas cousas para vol-as poder pintar ?

« Não sei ; rugem lá fóra as tempestades ; para comprehendêl-as é mister sentil-as, é preciso que tambem a ventania vos açoute nas faces e vos creste o coração.

« Era um mancebo que estava ahi a meus pés, pallido como a figura da morte ; tinha os cabellos branqueados, como se lh'os houvera alvejado a mão empoeirada do desespero ; das roupas lhe gottejava agua, tiritava de frio, mas brilhavão-lhe os olhos, e as mãos tinha-as quentes, como se lh'as queimasse a febre.

« — Padre ! padre ! soluçou... soluçou, que não fallava o pobre-zinho ; era um soluçar que causava dó, que ia pungir bem fundo n'alma. Oh ! doia vêr-lhe as feições e ouvir-lhe a voz, que as lagrimas abafavão.

« — Mas quem sois ? o que quereis ?

« — Padre, dizei-me se ha ahi na vossa religião balsamo para todas as dôres, consolação para todas as magoas, remedio que cure o desespero ; se ha, dai-m'o, dai-m'o, que me suffoca a dôr, que em torturas do inferno a vida se me vai. Oh ! se soubesseis quanto soffro !

« — Ha, meu filho, na religião do Christo, que na cruz esgotou o calix das angustias, ha balsamo para as dôres, porque é ella a religião dos que soffrem e dos que chorão ; ha a oração que é o remedio mais poderoso contra os desalentos d'alma, porque ella é a resignação, que é a consolação, que é a esperança.

« — Esperança ! o que é a esperança ? não a tenho, não a posso ter ; quero o esquecimento, ou antes, quero a morte.

« Fazia dó ouvil-o ; tão moço, parecia que o ferrete da desgraça lhe marcára a fronte ; procurei consolal-o.

« — Tendes febre, lhe disse, arde-vos o sangue, o coração trazeis-lh'o cheio ; pois bem, derramai-o aqui no seio da religião ; vai ouvir-vos o padre, vai consolar-vos o amigo ; fallai, que bem doce é derramar no peito de outrem o que de demasia ha no nosso peito ; diminue de muito a dôr quando outrem a partilha ; e depois que vos ouvir o amigo, o padre vos aconselhará.

« — Pois sim, ouvi, disse em voz baixa e soturna :

« Sou joven, bem joven, mas olhai-me os cabellos ; branqueou-m'os a desgraça em um momento, oh ! que n'esse momento... muito padeceu o Christo, não é verdade ? no emtanto...

« — Não blasphemeis, meu filho.

« Pois sim ; sou moço ; amei-a ; era tão linda, linda como uma virgem do céo ; tinha o rosto pallido como uma estatua de marmore, os olhos tão azues, os cabellos tão loiros, o sorriso tão doce, tão fa-

gueiro, a voz tão melodiosa, tão argentina... amei-a, enlouqueci por ella ; a lua ouviu nossos juramentos, repetiu-os o susurro das vagas, o bulício das arvores, e o padre sellou-os ante Deus, em face dos altares.

« Era minha mulher.

« Quem não crê em presentimentos ? Pareceu-me, ao pronunciar o — sim — que nos unia, que a mão gelada da morte me tocava o coração ; passou, porém.

« Linda, linda era como o crepusculo da manhã ; linda como os anjos do céo : mas não era o demonio o mais formoso d'entre elles ?

« Porque havia Deus de collocar a perfeição no rosto da mulher e fazer-lhe o coração perverso, como um pensamento do inferno ; por que havia de ahí collocar a peçonha da vibora ?

« Era um demonio essa mulher ; embriaguei-me com o sorriso de seus labios, com a mentira de suas vozes, amei-a ; Deus sabe quanto amei-a !

« Quanta vez, ao susurro da brisa, á luz pallida da lua, no silencio da noite, no meio das florestas, me não repetia a falsa essa palavra magica e de delirio, que não comprehendes, vós outros, homens de paz e de oração, porém que me fazia escaldar o sangue e reffer-me no cerebro ; ah ! quantas vezes !

« Era um demonio essa mulher... nunca Satan achou alma mais damnada, coração mais perverso, nunca !

« E hontem, em face de um ataúde, murmuravão os padres orações pelo repouso de uma creatura que se finára.

« Era minha mãe ; anjo que subira ao céo, tão boa, tão sancta, tão pura que era ella !

« E mudo, e com a dôr dentro d'alma, assistia eu, sem ver, sem comprehender esse movimento incessante em derredor de mim ; entravão homens vestidos de negro, fallavão-me, sahião, voltavão, e depois o ruido foi-se extinguindo, o psalmejar triste dos levitas ouvia-se ao longe como um gemido sentido, que se perde no espaço.

« Oh ! havião levado minha mãe !

« Levantei-me, sem saber o que fazia nem para onde ia ; ergui-me machinalmente ; nuvem densa me cobria os olhos ; dei cambaleando alguns passos na sala.

« Ouvi, porém, uma voz ; era a d'ella. Quiz chamal-a ; não pude ; a voz tinha-a presa. Era noite fechada ; tacteando as trevas, dirigi-me para o logar em que lhe ouvia a voz.

« Depois outra voz respondia á sua.

« Parei.

« Padre ! aquella mulher, aquella serpente, naquelle momento, quasi em face do cadaver de minha mãe, em face da minha dôr ; aquella mulher, vil e perjura, como o genio das trevas, murmurava ao amante as juras de seu amor.

« — Se te amo ! dizia a miseravel, se te amo !

« E ouvi o estalar de um beijo.

« Dei um grito, como o do leão ferido a se arrojear contra o caçador,

como o daria Satan quando foi arrojado ao abysmo ; quiz correr, quiz matal-os, afogal-os a ambos em meus braços, saciar-me de vingança, de que sentia sêde ardente ; quiz... mas fraqueárão-me as pernas, cambaleei, andou-me em volta a cabeça, batião-me as fontes, cahi.

« — Cahi ! gritou o moço erguendo-se ; cahi, miseravel que sou, e não matei-os.

« Hoje, ainda ha pouco, continuou em voz mais tranquilla, tornei a mim ; abri os olhos, e vi apenas ó medico, que escrevia, receitava talvez, e alguns criados, que me olhavam contristados.

« Lembrei-me de tudo.

« — Onde está ella ? perguntei.

« Ninguém respondeu-me

« Levantei-me sem dizer palavra, dirigi-me a seu quarto ; vazio ; corri toda a casa.

« — Onde está ella ? tornei a perguntar.

« — Sabiu, desapareceu ; me respondêrão.

« O trovão estourava, cahia a chuva, bramia a tempestade ; que me importava ! não me rugia tambem no coração a tempestade ? Tomei o chapéo, sahi.

« — Padre, terminou o infeliz, dizei-me se ha ahi na vossa religião balsamo para todas as dôres, consolação para todas as magoas, remedio que cure o desespero ; se ha, dai-m'o por piedade, dai-m'o, que me suffoca a dor, que em torturas do inferno a vida se me vai ! »

• • • • •
 O que lhe direi mais ? continuou Fr. Jeronymo após alguma pausa. Hoje é elle nosso irmão ; morreu-lhe a mulher perdida no torvelinho da vida, na vertigem do mundo, e elle procurou no retiro da clausura esquecer os tormentos do mundo ; leva as noites a orar, e os dias a passear nos corredores do claustro ; só a mim falla, que lhe conheço as dôres ; os outros nem lhe ouvem a voz, nem nunca lhe virão pairar nos labios um sorriso.

Tenho fé, porém, que a religião conseguirá completar-lhe a cura ; mas ainda se lhe sente o longinquo bramir da tempestade.

F.

A LUNETTA

POR

MME. EMILE DE GIRARDIN.

X

Na segunda-feira á noite encontrou-se Edgar com o Sr. de Fontvenel.

— Ah ! ainda bem que te encontro, disse este ; d'esta vez não me escaparás ; levo-te comigo.